



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

4 MASSAS

ÓRGÃO DA TENDÊNCIA PELO PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO
ANO VIII - Nº 125 - 2ª QUINZENA DE JANEIRO DE 1997 - R\$ 1,00
MEMBRO DO COMITÊ DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL



**A reeleição de FHC
é a continuidade
da aplicação do
plano de fome e miséria.
Abaixo o governo
antinacional e
antipopular de FHC
e seu plano!**

XXVI Congresso da CNTE:

**A posição reformista é um arremedo da posição neoliberal.
Para defender de fato o ensino público e gratuito:**

- **Lutar pela derrubada integral do plano neoliberal de FHC!**
- **Levantar uma plataforma antiimperialista e anticapitalista!**
- **Apoiar-se no método da ação direta e independência de classe!**
- **Defesa do ensino público e gratuito para todos!**
- **Fim do ensino privado através da estatização!**
- **Defesa da educação vinculada à produção social!**
- **Lutar pelo fim do capitalismo e em defesa da estratégia do governo operário e camponês!**

Diante da situação no Peru:

**Defendamos o Tupac Amaru da ameaça de repressão!
Lutemos pela libertação dos presos políticos!**

A Quinzena de Luta do Movimento Operário

* Metalúrgicos da Cobrasma de Hortolândia estão acampados dentro da fábrica, desde 17 de dezembro, para impedir a saída da maquinaria. Em dezembro foram demitidos 267 operários, que não receberam as rescisões.

Agora, serão 1033, dos quais 300 são antigos operários da fábrica desativada em Osasco. Os patrões transferem alguns trabalhadores e adiam demissões.

* Cerca de 3.000 trabalhadores das fábricas de brinquedos foram demitidos desde dezembro. A Abrinq (patronal) havia se comprometido com o governo a contratar 2.000 trabalhadores anualmente. O reajuste salarial da categoria vai para dissídio.

* Motoristas da Arc Transportes travam catraca contra demissão de 3 trabalhadores e passageiros viajam de graça.

* Sapateiros (calçadistas) de Franca, com data-base em 1º de fevereiro iniciam campanha salarial reivindicando reposição das perdas salariais acumuladas, 10% de aumento real, 20% de produtividade e redução da jornada de trabalho. Os calçadistas de São Paulo, com data-base em julho, recebem reposição de 4%, referente à complementação do reajuste de 16,48%, quando receberam 12%.

* 80 dos 95 demitidos da Mallory protestam na porta da fábrica, em Itapevi.

* Motoristas reclamam participação nos lucros de 1996 vinculada ao cumprimento de oito metas de produção: absenteísmo, cumprimento da frota, consumo de combustível, índice de recolhimento de veículos, multas, reclamações de usuários, quilometragem dividida pelo número de acidentes e socorros externos. As empresas de ônibus utilizam 5 trabalhadores, mas recebem pela média de 6,9 empregados, obtendo "um lucro"

de R\$ 33,6 milhões, que daria R\$ 601,77 de PLR.

* Demitidos da Encol de S. José dos Campos não recebem as rescisões e pressionam patrão a cumprir acordo.

* Operários demitidos da Metalúrgica Independência recebem esmolas como indenizações. Um metalúrgico com 18 anos de trabalho, recebeu apenas R\$ 349,00. Outro demitido, que deveria ter recebido cerca de R\$ 10.000,00, recebeu apenas R\$ 1.115,90 de rescisão contratual.

* Multivídeos demite mais de 200 operários para conter gastos e alegando queda nas vendas.

* Telefônicos rejeitam proposta de 3,27% de reajuste, abono de 60% do salário-base mais R\$ 250,00 e fazem assembléia para propôr indicativo de greve para dia 20/01.

* Peões da Emotec, Plandauto e da JDL, que faz obras de reforma no Hospital Santa Joana em greve de protesto contra o atraso no pagamento dos salários.

* Metalúrgicos da Valflex estão em greve exigindo cumprimento do reajuste salarial (9,08%) determinado pela justiça do trabalho.

* Radialistas da TV Bandeirantes de Taubaté fazem manifestação na porta da empresa em protesto pelo não pagamento das horas extras, corte do tíquete-refeição e demissão de 6.

* ECT insiste em pagar abono de 60% do salário-base mais R\$ 200,00, se data-base dos carteiros for mudada. A Federação da categoria marcou plenária. As bases sindicais não têm dinheiro para enviar representantes e não há consenso. Entretanto, aceitam a mudança na data base de dezembro para agosto.

* Patrões da Glaspac disputam judicialmente a fabricante de autopeças de fibra de vidro. Desde 19 de dezembro os patrões sumiram da fábrica e não pagaram os salários. Enquanto isto, os operários produzem e negociam vendas com fornecedores da matéria-prima para garantir entrega de encomendas e o pagamento dos salários.

* Metalúrgicos da Aerre do Brasil, de Diadema, em greve desde 7 de dezembro contra o calote dos salários desde novembro e o 13º. Os trabalhadores formaram comitê para avaliar o montante em caixa da empresa.

* Marceneiros da Teperman ficam sem receber salário de dezembro e o 13º aguardando desbloqueio da conta da massa falida. Os demitidos também nada receberam. A falência foi decretada no final de dezembro e requerida pelo Banco Progresso. A retomada da produção este mês vai garantir entrega de materiais à Volks, Ford, Mercedes.

Controle Operário da Produção contra o Desemprego

O desemprego em massa e os atrasos de salários devem ser respondidos com a tomada da fábrica pelos operários e a abertura das contas das empresas. Os comitês de fábrica mobilizam os operários contra o fechamento de fábricas e organizam a ocupação com o controle direto da produção. A intervenção da justiça só se dá por causa da dívida com bancos credores, tornando os bens indisponíveis para pagar a força de trabalho. O não fechamento das fábricas e o controle operário da produção é a campanha que deve ser levada pelo movimento operário contra o desemprego. Organizar o sistema de produção! Nenhuma fábrica fechada!

O Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo (Força Sindical) pode não ter chapa de oposição. Lúcio Bellentani e Antônio Flores alegam "falta de tempo" pois o edital de convocação das eleições foi publicado quando o sindicato e muitos operários estavam em férias coletivas. Outras tendências do movimento operário como o Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8) da CGT, Alternativa Sindicalista ASS, da CUT não definiram ainda a participação nas eleições de 3 a 6 de fevereiro. A chapa da situação, encabeçada por Paulo Pereira da Silva, vai se utilizar de R\$ 500 mil na campanha eleitoral, de um total de calculado em R\$ 700 mil em gastos com urnas volantes, transportes, advogados, funcionários administrativos. A expulsão da burocracia direitista do sindicato metalúrgico de São Paulo depende da construção de uma poderosa fração revolucionária organizada pela base ao redor do programa revolucionário.

O número de greves em 1996 mais que dobrou em relação aos anos anteriores. De cerca de 40 a 50 greves mensais desde 1992, o ano passado contou com 122 greves por mês em média, sendo que o mês de novembro foi o mais agitado. Quer dizer que os operários mostraram grande disposição de luta, que só não se transformou num movimento nacional que enfrentasse o governo e os patrões porque as direções insistiram em bloquear as lutas, isolando-as por setor ou empresa, limitando-as nas reivindicações e métodos de luta e quebrando-as com o desgaste e isolamento. A tarefa de varrer com a burocracia dos sindicatos e construir direções revolucionárias mostra-se de grande necessidade para o movimento operário.



Negociatas ao redor da emenda da Reeleição mostram podridão da politicagem burguesa

A aprovação da reeleição para FHC é considerada pela maioria das frações burguesas como necessária para assegurar a manutenção do Plano Real e a aplicação das reformas neoliberais ditadas pelo imperialismo. A não-aprovação do continuísmo de FHC poria em risco a aliança governamental, abriria o conflito pelo comando do Estado e ampliaria a disputa interburguesa, levando à crise de governabilidade e à possibilidade de desagregação do governo FHC. Reprovar a reeleição significa reprovar o governo, a dois anos de seu término. Por isso os partidos da aliança governamental rejeitam a proposta de plebiscito ou referendo sobre o tema, porque a possibilidade de reprovação deste governo não pode sequer ser colocada.

A intenção do governo FHC era a de aprovar a emenda da reeleição o mais depressa possível. Abriu um verdadeiro balcão de negociatas, montando um plantão da equipe governamental no Palácio do Planalto para atender os parlamentares, que em procissão para lá se dirigiram desde o primeiro dia útil de 1997. Apresentavam-se com as mais diversas reivindicações, em geral pedindo liberação de verbas para obras em suas regiões.

O grande problema passou a ser a camada de parlamentares que se apresenta como "indecisa", porque na maior parte estão no PMDB, que se encontra em crise e profundamente dividido. Nesse quadro, o governo apostou que a convenção peemedebista liberaria os membros do partido para votarem de acordo com suas barganhas com FHC. Mas os caciques do PMDB aproveitaram a situação de fiel da balança para ganhar força no interior do governo e no controle do parlamento. Primeiro, adiaram a decisão do tema para fevereiro, quando já terão acontecido as eleições dos presidentes da Câmara e do Senado. Depois, fizeram a convenção votar a posição oficial do partido, contrária à reeleição, sem contudo fechar questão. Com isso, o PMDB chantageia FHC e o obriga a trabalhar pelas candidaturas peemedebistas. E dá mais valor aos votos dos parlamentares nas negociatas com o governo.

Esquerda se submete

O PT e as esquerdas estão completamente submissos à discussão da reeleição de FHC. Com os mais diversos argumentos, alguns deles com cheiro de casuísmo oportunista, a posição do PT é contrária à reeleição, mas se submete ao caráter meramente eleitoral da questão: não mexe uma palha para colocar as massas em luta nacional contra o governo e

o plano antinacional e antipopular. Pior ainda, submete-se a fazer alianças com todo tipo de fração burguesa descontente, como o malufismo, dando à sua reivindicação um conteúdo policlassista, na verdade claramente burguês e anti-operário.

Colocada isoladamente, a posição do PT (e de correntes de esquerda), contrária à reeleição, constitui uma prostração e um obstáculo à ação direta das massas, diante da ofensiva neoliberal governamental, e na alimentação das ilusões nas massas de que a eleição do futuro governo daqui a dois anos resolverá os problemas do país. A defesa do PSTU, de ir às ruas contra a reeleição, deixando de lado o enfrentamento imediato e utilizando a ação direta, contra o governo e seu plano, constitui uma posição distracionista.

O POR defende a luta por "Abaixo o governo antinacional e antipopular e seu plano de fome"

A reeleição de FHC significa para as massas a continuidade de um governo e de seu plano antinacional e antipopular, ditado pelo imperialismo. Seu conteúdo é de arrocho salarial, recessão e desemprego, entrega das estatais e abertura do mercado, corte de gastos com serviços sociais públicos e demissões de funcionários, elevação de impostos e corte de investimentos públicos etc. Esse plano tem conseqüências nefastas para as massas e para a nação oprimida. A resposta adequada a ele é a luta unitária nacional de massa, capaz de enfrentar o governo à altura.

Por isso rejeitamos qualquer colaboração ou submissão às frações burguesas, aos seus partidos e ao seu governo. Defendemos a luta unitária e nacional, construída a partir das assembleias e plenárias de base, e eleição de comandos de luta com poderes acima das direções, para que empunhem uma plataforma de reivindicações unitariamente contra a burguesia, o governo e o imperialismo.

Abaixo o governo antinacional e antipopular e seu plano de fome!

PT: Não só corrupção política, mas também econômica

A revelação de que o secretário geral do PT, Cândido Vaccarezza, ganhava um salário como funcionário fantasma no Legislativo, ocupando uma vaga no gabinete da presidência da Câmara Municipal de São Paulo exercido pelo político do PPB, Brasil Vita, estourou como um escândalo. Trata-se de algo comum no Estado burguês. Ocorre que o PT tem posado de partido ético e transparente. Logo os adversários burgueses se aproveitaram da revelação para mostrar que o PT é farinha do mesmo saco.

É provável que pouca gente tenha se surpreendido com a denúncia contra Vaccarezza. Isso por que já é de conhecimento geral que o PT tem recebido dinheiro de grandes grupos econômicos, inclusive da famosa Oldebrecht, para sustentar suas campanhas eleitorais. Um partido que se diz dos trabalhadores e recebe dinheiro dos capitalistas está totalmente comprometido com o sistema burguês de exploração do trabalho e, portanto, corrompido até a medula.

A corrupção política do PT apareceu com toda clareza desde o momento que seus dirigentes passaram a defender

a continuidade do capitalismo. Em pouco tempo, mostrou-se também corrompido economicamente. Uma coisa e outra se entrelaçam.

O Partido Revolucionário, opostamente ao PT reformista, se caracteriza por ser totalmente antagônico à burguesia e seu Estado e a toda sua expressão econômica. Constrói-se em torno do programa de destruição do sistema de exploração do trabalho e dos princípios históricos socialistas. Dessa forma, sua sustentação financeira depende única e exclusivamente de seus militantes e das contribuições espontânea dos explorados. Todos os seus militantes devem se guiar por esse princípio e viver de acordo com suas convicções. O que quer dizer que jamais poderão se utilizar de qualquer benefício do Estado burguês para interesses próprios. Isso nos diferencia totalmente do reformismo corrompido.

NACIONAL



O cinismo do PSTU

O editor do Jornal Opinião Socialista, Fernando Silva, escreveu uma nota denominada "A independência perdida". Refere-se à lista dos financiamentos à campanha eleitoral aos candidatos do PT à prefeitura de São Paulo. Os nomes dos financiadores e o montante já haviam sido divulgados pela imprensa burguesa. São eles: Grupo Votarantim, Banco Itaú, Pão de Açúcar etc.

O articulista Fernando Silva se mostra indignado com a justificativa do PT que diz que "foi tudo feito legalmente, dentro da lei". Eis a indignação: "este argumento é um insulto à

inteligência das pessoas. E daí que foi dentro da lei? Como se o que estivesse em jogo fosse a conduta jurídica". Em seguida, o editor explica. "O problema de fundo é: que tipo de compromissos, pressões e também prioridades um governo da esquerda passa a assumir quando aceita financiamentos de grupos capitalistas?". Logo dá sua resposta, mostrando que Cristovam Buarque e Vitor Buaiz "também receberam financiamentos de grandes grupos". E que estão fazendo um governo de favorecimento do setor privado.

Somente aqueles que não conhecem a política do PSTU em relação ao PT não vêem o seu cinismo. Ocorre que essa corrente denuncia o PT de receber dinheiro dos capitalistas apenas depois das eleições passadas. E por que? É que na fase pré-eleitoral o PSTU está empe-

nhado em defender uma coligação com o PT. E em meio às eleições está voltado a apoiá-lo, como ocorreu em alguns municípios no 1º turno e de forma geral no 2º turno. Assim, mesmo sabendo da corrupção financeira do PT, os dirigentes do PSTU se omitem. Não vão dizer aos trabalhadores que votem nesse partido, apesar dele estar recebendo dinheiro da burguesia.

Não é por acaso que Fernando Silva se esquece de dizer no seu artigo que seu partido apoiou Cristovão Buarque e Vitor Buaiz. Os centristas são assim mesmo. Em nome da tática, são arrastados pelo reformismo contra-revolucionário. Depois dizem que o PT é sectário ao denunciar o PT e rechaçar o apoio eleitoral à Frente Popular em tais condições.

O que mostram as novas ocupações de terra no Pontal

O fracasso das negociações entre o MST, o governo e fazendeiros em torno das desapropriações das fazendas no Pontal do Paranapanema obrigou as lideranças dos sem-terra a planejarem novas ocupações. A tática é a mesma: ocupa e em seguida desocupa frente ao mandado de reintegração de posse expedida pela Justiça burguesa. Porém, há uma agravante na situação. Ou seja, a presença da UDR reorganizada. Imediatamente, os fazendeiros reagiram ameaçando com uso das armas. Seu presidente, Roosevelt Roque dos Santos, explicou que a UDR tem uma cartilha que ensina os fazendeiros a usarem as armas de acordo com as leis que protegem a propriedade privada capita-

lista.

Vemos que os latifundiários se mostram seguros quanto à possibilidade de defenderem as terras com jagunços armados. Para isso, têm a proteção do Estado burguês. Novamente, o líder José Rainha apelou para que o governo federal desarme os fazendeiros. Isso mostra a ilusão que uma parcela da direção do MST tem em relação ao governo dos capitalistas e sua polícia. Por esse caminho, o MST se colocará numa posição de fraqueza e de impasse. Não há outra via senão preparar os comitês de auto-defesa armados.

O MST já tem experiência acumulada para saber que a luta de classes no campo se agrava e que não haverá solução pacífica para o problema da terra. É claro que não se trata de se fazer ações isoladas de resistência. É preciso alastrar os comitês de auto-defesa por todo o movimento. E que a CUT e sindicatos assumam politicamente essa tarefa e dêem apoio material aos camponeses. A aliança operária e camponesa deve se traduzir em programa revolucionário e em atitude prática de combate a toda forma de opressão de classe.

Que as terras do Pontal sejam imediatamente entregues aos camponeses, sem que se indenize em um só tostão os latifundiários.

Jagunços recebem sem-terras a bala

Nem tínhamos escrito o artigo acima, e, no dia seguinte, os camponeses do Pontal foram atacados a tiros pelos jagunços que protegiam a fazenda Santa Rita. Em presença da polícia, os seguranças não tiveram dúvidas em disparar contra os sem-terra, que tentavam ocupar a fazenda. A prisão dos jagunços não passou de um ato de formalidade. A UDR se ampara no princípio de direito à propriedade capitalista. Que os camponeses morram de fome, mas a propriedade da terra tem de continuar protegida, para atender os interesses da minoria exploradora.

O que acaba de acontecer no Pontal é a continuidade dos choques que ocorrem por todo país. Pouco dias antes, dois camponeses foram assassinados em tocaia, no Pará. É preciso desprender uma grande campanha nos centros operários em defesa dos trabalhadores do campo.

ESCREVA PARA O JORNAL MASSAS

O JORNAL QUE DEFENDE A REVOLUÇÃO E A DITADURA DO PROLETARIADO

CAIXA POSTAL Nº 01171 - CEP 01059-970 - SÃO PAULO

NO NORTE E NORDESTE ESCREVA PARA

CAIXA POSTAL Nº 221 - FORTALEZA - CEARÁ - CEP 60001-970

CAIXA POSTAL Nº 2768 - CEP 59022-970 - NATAL - RN

ASSINATURAS: 12 NÚMEROS - R\$ 15,00 - FALE COM DISTRIBUIDOR DESTE JORNAL



Campanha da burguesia contra os sindicatos

Os ideólogos da burguesia insistem na campanha em torno da idéia que os sindicatos envelheceram perante a nova realidade da economia capitalista. Por isso, teriam de se adaptar, passando por uma reestruturação. Evidentemente, os porta-vozes dos exploradores não têm nada a explicar e a se intrometer na vida dos sindicatos, que são organismos dos trabalhadores. Mas o assunto tem interesse porque a burocracia sindical e os reformistas de todo naipe assimilam tais idéias e as repetem em suas teses congressuais. Mais do que repetir, procuram concretizá-las. Vejamos então que explicações são essas e a que interesses correspondem.

São elas: 1) O movimento sindical está fraco porque as negociações e conflitos foram transferidos para o âmbito particular de cada empresa; 2) Não há mais reivindicações gerais de toda classe trabalhadora, mas apenas as específicas de cada unidade de trabalho; 3) O desemprego e o medo das demissões romperam a coesão e a força do movimento sindical, anulando assim as manifestações coletivas e antigas formas de correlação de força entre capital e trabalho; 4) A excessiva politização dos sindicatos afastou as bases desinteressadas na militância política; 5) Por sua vez, os patrões, ao mudarem os métodos de produção, introduzindo as inovações tecnológicas procuram obter a solidariedade entre capital e trabalho, obtendo êxito nesse objetivo.

Enfim, resumindo esse pensamento, temos a velha cantilena que a luta de classes já não é o motor das transformações e o método para a classe operária se defender da exploração capitalista. Como se vê, é bem conveniente ao patronato. A burocracia cutista e forcista vem dizendo o mesmo como se fosse um grande achado. Evidentemente, amparam-se nessas mentiras para acobertar sua conduta capituladora diante da ofensiva de desemprego e miséria dos capitalistas, que têm à frente as multinacionais.

A verdade é bem outra. O capitalismo em crise não oferece nenhuma perspectiva de vida aos assalariados. Estes instintivamente procuram a via da greve, ocupações e manifestações. Porém, encontram na direção dos sindicatos uma camarilha de bu-

rocratas vendidos aos exploradores. Esta logo corre a sufocar os movimentos impossibilitando a unidade dos trabalhadores. E, quando estes alcançam coesão na luta (lembramos os petroleiros), as direções trabalham por cindí-la. Vemos que é conveniente não só para os capitalistas reduzir as lutas ao âmbito restrito de uma fábrica e às vezes de uma só secção, mas também para a burocracia dirigente, que morre de medo de perder o controle das massas e do próprio aparelho sindical.

Outra farsa é que o desemprego, terceirização e "novos métodos de produção" romperam a solidariedade de classe dos explorados. Socialmente, o capitalismo sempre se caracterizou por destruir a coesão do proletariado, seja por submetê-lo à condição de força de trabalho sujeita ao mercado seja pela forma da divisão social do trabalho. Mas ao mesmo tempo, estabelece sua coesão no processo produtivo, onde somente a ação coletiva pode assegurar o funcionamento fabril.

Se, na atualidade, em algumas unidades fabris, se chegou ao requinte de se necessitar de um número diminuto de operários, essa realidade é restrita e não tem como se generalizar amplamente. E mesmo que fosse possível não liquidaria com a classe operária. Sabemos que a tecnificação em tal escala é inviável no capitalismo, pois antes disso entraria em colapso de crise de superprodução, como já está se configurando sem que tal amplitude tenha sido alcançada.

Então onde está o problema da coesão? Está na política. Como dissemos, a produção fabril reúne os operários para acioná-la, mas os divide incessantemente como mercadoria (mão de obra que concorre no mercado de trabalho). A superação de tal fragmentação depende da elevação da consciência de classe. Tal consciência é política. O proletariado a desenvolve não através dos livros e de ensinamentos professorais, mas sim pelas experiências próprias obtidas na luta de classes. No entanto, tal fenômeno não ocorre espontaneamente. Depende da constituição do partido revolucionário, que é programa, teoria e método revolucionário de ação. Esse nada é mais senão uma fração do proletaria-

do que chega à compreensão do socialismo científico.

A potenciação do partido como dirigente de massa possibilita um contingente cada vez maior avançar a consciência de classe e assim a coesão revolucionária. E o que tem a ver isso com os sindicatos? Tem tudo a ver. Enquanto as massas tiverem sob a direção da burocracia e da política reformista, que controlam os sindicatos, a burguesia continuará a quebrar diariamente a coesão dos trabalhadores. Um exemplo: o desemprego vem ocorrendo ano após ano e a burocracia tem respondido com a diretriz dos acordos das câmaras setoriais, que favoreceram as multinacionais e desarmaram os operários frente às demissões. E quantas vezes os operários se revoltaram contra o fechamento de postos de trabalho e a burocracia negociou a chamada demissão voluntária. É claro que assim a solidariedade de classe continuará a ser bombardeada pelos exploradores e seu governo.

Isso nos leva a compreender a necessidade de uma direção revolucionária. Neste ponto, reside a chave da coesão da classe operária. De resto, é pura propaganda burguesa assumida pela burocracia, que como tal não tem idéias próprias. A tarefa colocada é construir essa direção a partir das bases/fábricas, munida da estratégia da revolução proletária e do método da ação direta. É por essa via que as massas varrerão as direções traidoras e restabelecerão a importância dos sindicatos para a luta de classes.

NACIONAL



Imperialismo exige do Brasil a entrega do mercado de informática e derivados

A reunião da OMC em dezembro serviu também para os Estados Unidos imporem um acordo geral de eliminação de impostos e proteção aos produtos de informática e derivados em todo o mundo. Através desse acordo, os países deverão eliminar qualquer barreira aos produtos americanos (principal fabricante exportador) e enfrentarão quebras de empresas no setor. Não se trata de um acordo limitado, mas que se estende até outros produtos que utilizam da eletrônica, como eletrodomésticos.

O Brasil se negou a

assinar o acordo de imediato, aceitando negociar sua aplicação futuramente. No Brasil, a maior parte dos fabricantes de informática estão ligados a empresas estrangeiras, na maioria americanas. O que não quer dizer que não fechariam suas portas se fosse aplicado o tal acordo. Mas existe todo um setor produtivo (automação industrial, eletrodomésticos etc.) que certamente quebraria.

O governo americano tem exercido forte pressão para que o Brasil passe a integrar o grupo de países signatários do acordo de liberação. O governo brasileiro mostra-se incapaz de defender as empresas do setor, porque já dá sinais de que cederá à pressão americana.

Outro elemento da crise é o acordo que permitiu a instalação de montadoras no norte-nordeste com isenção

de impostos e outros benefícios fiscais. A coreana Asia Motors já anunciou a instalação de uma fábrica em Camaçari (BA), que produzirá veículos utilitários para o Mercosul. Os EUA temem que outros países adotem medidas semelhantes, que acarretariam em perdas para os americanos por todo lado. Exigem a supressão dos benefícios concedidos pelo governo ao norte-nordeste. O que certamente abriria uma crise com os grupos burgueses regionais.

A submissão do país, imposta pela classe dominante (capitalista), só pode ser combatida com a luta nacional de massa, antiimperialista e anticapitalista, encabeçada pelo proletariado, armado de seu partido político.

Nacional

Covas mantém ofensiva contra educação: O sorteio de vagas para a escola pública

Não é de hoje que faltam vagas para os alunos do colegial. O governo já experimentou vários mecanismos de eliminação de uma parcela de jovens, a exemplo dos vestibulinhos. Seleccionava um contingente de adolescentes para cursar a primeira série do colégio. Os reprovados eram empurrados para as escolas privadas ou para a espera do ano seguinte. Agora, com a reforma do ensino, o governo insiste no sorteio de vagas. Os alunos que frequentaram as escolas municipais ou particulares tiveram de se inscrever para o tal sorteio. A quantidade de alunos foi enorme. Alguns já esperavam nas filas, nas portas das escolas, achando que haveria uma senha que daria prioridade para os primeiros. Porém não foi o que ocorreu. Tiveram de esperar a sorte.

A Secretaria da Educação diz que o número

de vagas era maior do que a dos candidatos. De fato, a procura de vagas se concentrava para o período noturno, que se esgotou na primeira hora do sorteio. Sem dizer que os alunos que fizeram uma opção de escola, geralmente mais próxima da moradia ou do trabalho, não por luxo, mas pelo custo do transporte e pela necessidade de continuar trabalhando, que não foram contemplados pelo sorteio, terão de aguardar uma desistência. O governo continua propagandeando que há vagas, só que as que restaram estão no período diurno, o que são impeditivas para a maioria já inserida no mercado de trabalho.

A reforma de ensino do PSDB está assentada no fechamento de boa parte da rede escolar. O reestruturação, que dividiu as escolas de 1ª a 4ª série das restantes, tem como objetivo manter tais escolas fechadas no período noturno. É o que se passa na maioria delas. Com isso, não há vagas para o aluno-trabalhador. O que acontece com o colegial é o mesmo que ocorre com a 5ª a 8ª série, no noturno. Arrumar uma vaga se tornou um martírio para os pais e adolescentes. A essência da reforma se traduz no fechamento de escolas ou turnos e no incentivo à privatização de níveis inteiros, a exemplo do 2º

grau.

A luta por vagas deve fazer parte da luta geral contra a reforma da educação do governo FHC/Covas, sob o patrocínio do Banco Mundial. Tal reforma é expressão da destruição da escola pública e gratuita. O governo continua impondo a reforma porque as direções sindicais e estudantis têm colaborado. De nada valem os protestos isolados se não têm a perspectiva da unidade dos setores explorados, que se utilizam da escola pública, para as ações de massa contra uma reforma que é parte das medidas neoliberais. A burocracia sindical e estudantil, ao fazer corpo mole contra tais medidas impostas à educação, deixam a classe desorganizada e à mercê da política governamental.

A bandeira de "Nenhum aluno fora da escola", tão apregoada, acaba se evaporando nos lábios dos burocratas. Trata-se de defendê-la através da organização de movimentos. A luta contra essas direções traidoras é essencial para pôr em pé uma forte resistência contra as diretrizes neoliberais para a educação. Organizemos, desde as escolas, os comitês e o combate consequente contra a reforma do PSDB.



XXVI Congresso dos Trabalhadores em Educação

Crítica à tese da Articulação Sindical

A tese da Articulação parte da idéia de que avança a "globalização" econômica, como resposta dos "países desenvolvidos à crise de acumulação dos anos 70". Critica os defensores do neoliberalismo que "apresentam a globalização como uma tendência natural da economia mundial...". Defende que esse processo não é irreversível, sendo possível tomar decisões políticas que "interfiram em seu curso e imponham controles sociais à acumulação de capitais". Considera a "globalização" como "uma fase particular da internacionalização da economia. Conclui que "o que realmente interessa é identificar o alcance das transformações estruturais causadas pela "globalização" e combater os seus efeitos negativos".

Esse resumo, embora limitado, permite-nos observar o caráter reformista da tese da Articulação. Qual o problema de se ter uma posição reformista? Tal orientação se mostra conservadora e contra-revolucionária, por se adaptar ao capitalismo em estado de putrefação. Assim, verificamos em sua análise da conjuntura mundial e nacional os seguintes aspectos:

1) Comporta-se de maneira anti-científica perante a realidade. Não analisa a situação mundial do ponto de vista do último estágio de desenvolvimento do capitalismo, que é o imperialismo. Por essa razão, não pode admitir que a denominada "globalização" não passa de uma máscara ideológica para as potências esconderem e justificarem o incremento do saque internacional da maioria das nações capitalistas semicoloniais, dentre elas o Brasil. É falsa a conclusão de que o sistema econômico vigente entrou numa nova etapa de reestruturação geral e que o problema reside na necessidade de se estabelecer um controle social para eliminar os "efeitos negativos", como o desemprego, aumento da taxa de exploração do trabalho (flexibilização) etc.

O capitalismo está "globalizado" há muito tempo, o que a tese da Articulação concorda. O que não admite é que a situação atual está marcada por uma crise sem precedentes de superprodução e que o parasitismo financeiro expressa a decadência geral do sistema econômico baseado na exploração do trabalho e na opressão nacional. A guerra comercial em andamento é impulsionada pelas potências, tendo à frente os Estados Unidos. A diretriz mundial de abertura de mercado, desestatizações, destruição de conquistas sociais e redução de gastos estatais com os serviços destinados às massas são imposições que vêm de fora para dentro das economias semicoloniais. Enquanto isso, o capital multinacional é protegido pelas fronteiras nacionais das potências.

A necessidade dos capitalistas aumentarem a exploração do trabalho, num quadro já agravado de fome e miséria das massas, e de avançarem o saque mundial das nações oprimidas advém não só das leis de funcionamento do sistema econômico mas também da sua própria crise. Compreender isso significa admitir duas conclusões estratégicas: a) O capitalismo na fase imperialista é irreformável; b) As massas trabalhadoras, tendo como espinha dorsal a classe operária, só poderão se livrar da barbárie através da revolução social. Ou seja, da revolução proletária. Nesse combate, a luta antiimperialista é parte integrante da estratégia da revolução proletária. Os reformistas não só não podem admitir tais premissas como as combatem com as próprias armas do imperialismo. O que quer dizer que aceitam a idéia de que o capitalismo triunfou eternamente, tendo por base o "fracasso do comunismo". Uma vez que é assim, não tem mais valor a teoria marxista do imperialismo e que se trata de estabelecer o controle social sobre o capitalismo. Evidentemente uma clara utopia reacionária.

2) Contraindo-se à análise marxista da realidade (materialismo histórico), os reformistas inventam uma teoria econômica da possibilidade de controle da sociedade civil sobre os "efeitos negativos" da atual etapa (revolução tecnológica e globalização). Dessa forma, estariam em confronto duas tendências: a neoliberal e a dos "setores populares". Os reformistas entendem por isso que se trata de "opções políticas que podem variar de um país para outro". Nessa colocação reside a chave do seu pensamento. Segundo ele, há uma correlação favorável aos neoliberais que têm o poder do Estado em suas mãos. A tarefa seria a de mudar essa correlação de força dando hegemonia ao campo popular, que não significa outra coisa senão ao reformismo. É fácil identificar, nessa tese, a presença da estratégia petista de eleição da Frente Popular.

A vitória dessa tendência, supostamente anti-neoliberal, permitiria reverter a política econômica sem que houvesse a derrubada do capitalismo e a destruição do poder de classe da burguesia. Por aí se vê que o chamado setor popular é formado por uma fração burguesa ("progressista") também descontente com os efeitos negativos da política neoliberal. A aliança desses ditos progressistas com sindicalistas, reformistas e políticos da classe média, apoiada em instituições como Igreja progressista, OAB etc., permitiria reverter o quadro inacabado da "globalização" neoliberal. É interessante observar que todo cipoal de explicação sobre a globalização e suas consequên-

cias esconde por detrás a tese petista e estalinista de aliança dos oprimidos com setores dos opressores. Estamos em presença de uma política pró-capitalista e falsamente defensora dos interesses populares.

Qualquer concessão ao capitalismo obriga as formulações teóricas e políticas a deformarem e falsearem a realidade. É o que expusemos no primeiro item sobre as formulações e anti-científicas da tese da Articulação. A premissa de que o problema da reversão das tendências neoliberais está na "opção política" é uma fraude. A crise estrutural do capitalismo empurra a burguesia imperialista a descarregá-la sobre as semicolônias (opressão nacional) e sobre as massas (opressão social). Nenhum setor da burguesia e da pequena burguesia é capaz de se contrapor a essa tendência geral. São as contradições econômicas, baseadas no choque entre as forças produtivas e as relações burguesas de produção, que determinam a política e não o contrário. E esta age sobre a economia de acordo com tais contradições.

Só o proletariado pode se contrapor e superar a crise estrutural capitalista e suas consequências, bem como derrotar a política neoliberal. E não poderá fazê-lo senão derrubando a burguesia do poder, através da revolução. Esse programa estratégico elimina a convivência do proletariado com setores da burguesia no poder do Estado, tal como pressupõem os reformistas.

Atuação dos sindicatos

Segundo a tese da Articulação, o ponto de partida de atuação da CUT, CNTE e sindicatos é a identificação dos "aspectos negativos" da "globalização". Está, por-

OPRESSÃO



tanto, de acordo com a análise da situação internacional e nacional. Isso significa que os organismos dos trabalhadores têm a tarefa de disciplinar o capitalismo em crise. Estando afastado, assim, qualquer perspectiva revolucionária de luta antimperialista e anticapitalista. Cabe a eles apoiar a denominada força popular, ou seja, o reformismo. É claro que essa linha adapta os sindicatos ao jogo de poder no interior do Estado burguês e das forças de sustentação do capitalismo.

Não é surpreendente que a tese da Articulação tem por objetivo os seguintes pontos:

1) Direcionar os sindicatos para um "projeto alternativo", no interior do capitalismo. Esse projeto nada mais é do que um conjunto de medidas de reformas utópicas, que conduz à distribuição de renda, ao crescimento sustentado da economia e ao desenvolvimento social. A tese é clara em seu propósito pró-capitalista. As reivindicações elementares e as bandeiras políticas não são para se contrapor ao capitalismo, no sentido de sua destruição.

Eis uma formulação que prova o que dizemos: "O principal desafio do movimento sindical e de todos os setores democráticos e populares é fazer da questão social os pilares da nova base para o desenvolvimento. Essas novas bases devem ser capazes de integrar os trabalhadores ao mercado de consumo (políticas de rendas e regionais) e ao mercado de trabalho (políticas de estímulo aos investimentos, de expansão do emprego, de formação profissional)". Por essa linha, a CUT e sindicatos não passam de instrumentos para a elaboração de políticas a serem implantadas pela burguesia e seu Estado. Estão aí as raízes do utopismo pequeno-burguês dos reformistas. Em realidade, querem que os organismos de massa sirvam de meios para o funcionamento da democracia burguesa e de disputas eleitorais em torno do

poder do Estado.

2) Coloca-se para o campo cutista opor-se ao neoliberalismo "por meio da mobilização de massa e do enfrentamento propositivo". A mobilização de massa nesse caso não passa de hipocrisia dos burocratas sindicais. Entendem por ela fazer caravanas a Brasília para convencer os deputados a apoiarem algumas reformas ou não votarem a favor das reformas neoliberais. O central da política dos reformistas é o que denominam "enfrentamento propositivo". Seu conteúdo é o seguinte: não se trata de lutar nas ruas contra o governo e o Estado, mas sim fazer propostas a serem submetidas ao Parlamento. De acordo com o seu pensamento, não se trata apenas de dizer não às diretrizes do governo e do Parlamento. Mas também dizer sim, quando se trata de aspectos positivos, como acreditam existir. No fundo, a burocracia sindical assimila as pressões do Estado e dos capitalistas contra o radicalismo das greves, das ocupações de fábrica e das lutas nacionais.

3) A tese afirma que os "impactos da reestruturação produtiva" tornaram os sindicatos inadequados. Diz que existe uma crise do sindicalismo que "corresponde em grande parte ao esgotamento de um modelo de organização definido com bases em condições econômicas e políticas que estão sofrendo o impacto da globalização". Em síntese, os reformistas consideram que houve uma mudança tão significativa nas bases produtivas que os sindicatos envelheceram e que, portanto, teriam de passar por uma adaptação. O chamado sindicalismo orgânico seria a resposta à suposta nova situação. Segundo a tese, a "globalização" aprofunda a fragmentação no interior da classe trabalhadora e fragiliza os valores da solidariedade do movimento sindical". O sindicato orgânico restabeleceria tal unidade e solidariedade.

Tanto o diagnóstico da "crise do sindicalismo" quanto o remédio são falsos. Já no Manifesto Comunista (1848), Marx mostra como a exploração capitalista rompe diariamente a solidariedade de classe do proletariado, uma vez que individualmente cada trabalhador vende sua força de trabalho como mercadoria e concorre entre si no mercado. A unidade de classe do proletariado será conquistada através da ação política e do programa anticapitalista. A terceirização, toyotismo, desemprego etc apenas agravam tal concorrência. Mas não mudam qualitativamente o problema a ponto de se concluir que a estrutura sindical envelheceu.

A estrutura sindical que temos está há muito tempo adaptada ao capitalismo. De que estrutura falamos? Daquela imposta pela legislação estatal burguesa, onde predomina a arbitragem obrigatória da Justiça do Trabalho. Porém não é disso que a tese da Articulação se refere, uma vez que continua a defender a regulamentação estatal e os princípios da OIT. Vendo

objetivamente a questão, verificamos que a crise é de direção política da Central e dos sindicatos. Crise essa que vai perdurar enquanto os reformistas continuarem a dominar os organismos de massa com sua política de sustentação do capitalismo e da democracia burguesa. A ruptura com a estrutura estatal imposta aos sindicatos está na razão direta da constituição de uma direção revolucionária, que coloque a Central e os sindicatos sob o programa antimperialista e anticapitalista. Só assim se retomará a real e plena democracia operária e a independência classista em relação ao Estado e a toda instituição burguesa.

A Central e seus vínculos internacionais

A tese da Articulação pretende que o Congresso da CNTE reafirme os laços da CUT com organismos externos como a CIOSL, ORIT etc. E que intervenha nos fóruns internacionais da burguesia, como Mercosul, OMC etc, para defender as "cláusulas sociais". A burocracia analisa que o defeito do Mercosul está "no caráter exclusivamente comercial da integração". Dessa forma, caberia aos sindicatos defenderem a adoção de uma "Carta Social do Mercosul, a democratização dos fóruns de decisões, fundos de reconversão produtiva e qualificação profissional para os setores afetados". Querem assim fazer-nos acreditar que é possível no âmbito de tais organismos da burguesia defender os interesses dos trabalhadores e levar a conquistas. O Mercosul não integra absolutamente nada. Vem para atender os interesses do grande capital nacional e internacional, premiados pela crise estrutural.

Quanto à OMC, o chamado "dúmping social" é levantado pelas potências imperialistas, para pressionar os países semicoloniais aos tratados impostos pelo G7. A linha de levar o movimento sindical a defender "a introdução da cláusula social nos acordos de comércio mundial no âmbito da OMC, com a participação da OIT e do movimento sindical para garantir a fiscalização e a aplicação de sanções" não passa de um sonho da burocracia e de uma política colaboracionista com a burguesia imperialista. A defesa da vida das massas não virá através de cláusulas admitidas nas cúpulas do imperialismo. Será o resultado de um combate frontal e sem trégua aos capitalistas, seus governos e Estados. A colaboração com a linha social-democrata da CIOSL só pode levar a formulações dessa natureza. Ninguém desconhece que essa organização é parte integrante da política internacional do imperialismo. Qualquer compromisso com ela conduz a CUT, CNTE e sindicatos a se ajoelharem diante da estratégia burguesa de sustentação do capitalismo mundial em decadência.



Proposta da tese da Articulação para a educação

Da mesma forma que se fala de um projeto alternativo global ao neoliberalismo, a tese defende um projeto de educação "fundado na democracia e na qualidade social". A reforma do governo é de "exclusão social". Assim estaria em contraposição duas linhas: "apostar na modernidade técnica eficiente, competitiva, seletiva e excludente ou desejar a modernidade ética, solidária, ampliadora de direitos, distribuidora de bens e serviços, vinculadora das lutas por cidadania e soberania num projeto de Nação".

Podemos identificar nessa formulação o palavreado e tagarelhice dos reformistas. Conceitos como "desejar a modernidade ética, solidária, ampliadora de direitos etc" não têm o menor sentido de realidade. Estamos inseridos numa sociedade de classes decadente, cuja principal característica é o aumento da exploração, da miséria, da fome e da ignorância das massas. Acreditar num capitalismo com relações solidárias tem por resultado acobertar as raízes da exploração e da mutilação das condições de existência dos trabalhadores, que inclui a educação.

A linha de vincular a educação à democracia em abstrato, como faz a sua tese, mal disfarça a impotência do reformismo frente aos ataques do governo burguês ao ensino público. A marginalização de milhões de crianças e adolescentes da escola resulta da mesma fonte donde vem o crescente desemprego, do salário mínimo de fome, da expulsão dos camponeses da terra etc. Trata-se de condicionamentos econômicos do sistema capitalista de produção. A própria democracia burguesa sofre desses mesmos condicionamentos. Mais do que nunca a democracia, na atualidade, só serve aos interesses do grande capital e para acobertar a barbárie da opressão de classe. Vincular a escola a esse regime político do Estado burguês é dar um atestado

de continuidade à linha de destruição do ensino público e de fortalecimento da mercantilização da educação. Não é por acaso que a tese da Articulação não defende o fim do ensino privado. Pelo contrário, admite sua coexistência como se isso fosse próprio da democracia.

A diretriz da chamada ação "propositiva" conduziu a CNTE a ser conivente com a reforma privatista do ensino do governo FHC. Prova disso foi o seu apoio ao Plano Decenal, através de sua participação na Conferência Nacional promovida pelo Estado, sua assinatura ao Programa de Valorização do Magistério e sua aceitação ao Fundo de Desenvolvimento da Educação. Limitou-se apenas a criticar formalmente os chamados aspectos negativos, o impedimento de participação das entidades de classe e não fez senão apresentar emendas colaboracionistas.

A defesa mais importante da tese da Articulação que é a da "garantia de que nenhuma criança seja privada da escola pública de qualidade e erradicação do analfabetismo" comparece no interior dessa concepção como prova do mais grosseiro cinismo. No capitalismo, jamais a totalidade dos trabalhadores e seus filhos terão acesso à escola. O que dirá então daqueles países de condição atrasada e semicolonial? A luta pela escola pública, em todos os níveis, é parte do programa da revolução proletária.

Principais conclusões

- 1) A tese da Articulação não se coloca pela derrubada integral do Plano neoliberal de FHC;
- 2) Não estabelece as bases de uma plataforma de luta antiimperialista e anticapitalista;
- 3) Não se apóia no método da ação direta das massas e da independência de classe dos trabalhadores em relação ao Estado burguês, seus partidos e instituições;
- 4) Não traça uma linha de transfor-

mação das lutas econômicas em luta política contra a classe capitalista e seu Estado;

5) Não assegura a unidade da maioria oprimida em torno da classe operária;

6) Não defende consequentemente o ensino público, gratuito em todos os níveis para todos;

7) A essência de sua política reside na pressão parlamentar para remendar a reforma neoliberal;

8) Tem por tática a aliança dos trabalhadores com os denominados setores "progressistas" da burguesia;

9) Assenta-se na estratégia do governo democrático-popular, saído das eleições e adaptado ao Estado capitalista;

10) Fundamenta politicamente a burocracia sindical e traça a orientação internacional das agências sindicais do imperialismo como a CIOSL.

A tese apresentada pelo POR, denominada "Educação em Luta", está totalmente em contraposição à da Articulação. A análise crítica que acabamos de fazer resulta da concepção de nossas teses. Chamamos todas as correntes que se reivindicam do marxismo a constituírem uma frente contra o reformismo reacionário e ao burocratismo traidor, tendo por base tais críticas e as teses que apresentamos.

EDUCAÇÃO



Estudantes da UECE queimam as carteirinhas de acesso ao RU

A Pró-reitoria de Assuntos Estudantis, que é ligada ao PT, queria burocratizar o acesso dos estudantes ao RU da Universidade Estadual do Ceará. Isto é, todos os alunos deveriam ter uma carteira exclusiva do RU, daí que só entra no refeitório quem tiver tal identificação.

O CA de Pedagogia (POR e independentes) partiram para a ofensiva no último mês de novembro, no dia 6, quando até a imprensa burguesa local reconheceu que o CA de Pedagogia liderou o movimento contra a burocratização do RU. Conseguiu promover junto aos estudantes a queima de mais da metade das carteirinhas, rechaçando assim a postura pró-reitora petista. Em consequência disso, a pró-reitoria acatou a posição dos estudantes.

Nesse movimento, o curioso foi a inatividade do "Reviravolta" (PSTU). No mínimo, ficou esperando a implantação da carteirinha, para depois reagir contra tal problema. O CA de

Pedagogia tomou a frente do movimento, uma semana antes das carteirinhas serem válidas. A pró-reitoria tinha marcado para entrar em vigor dia 01 de novembro, mas o CA passou nas salas de aula denunciando essa medida. Em seguida, ela recuou na data prevista, mas insistia na implantação do projeto.

A "Remando contra a Maré", além de defender a tal carteirinha, juntamente com o PCdoB, sequer apareceram na manifestação.

Isso prova mais uma vez que só através da mobilização dos alunos (ação direta) é que podemos reverter o quadro de ataques do governo através da burocracia universitária, que age como seu instrumento.

Janeiro – aniversário da morte de Lenin

Quem foi Vladimir Ilich Lenin

Lenin nasceu em 22 de abril de 1870 em Simbirk e morreu em Gorki (proximidades de Moscou) em 25 de janeiro de 1924. Realizou estudos de direito. Em Samara organiza um círculo marxista e a partir de 1898 aparece como dirigente dos marxistas de São Petersburgo.

Formou-se lutando contra o populismo e o terrorismo individual. Sua primeira prisão se fez em 1895. Combateu o economicismo e caracterizou a revolução russa como burguesa contra a burguesia, que já tinha se deslocado para a contra-revolução.

Em 1902 aparece "Que Fazer", onde se expõe os fundamentos dos marxistas do partido revolucionário e se desmascara o espontaneísmo. Batalhou para pôr em pé um partido de revolucionários profissionais,

altamente centralizado e regido pelo centralismo democrático. Dirigiu a fração bolchevique contra os mencheviques, luta que em 1912 terminou em cisão formal. Manteve polémicas com Trotsky. Depois da derrota da revolução de 1905 emigrou por muitos anos para o exterior.

Em abril de 1917, formulou as "Teses de Abril", que superam a consigna de "ditadura revolucionária democrática de operários e camponeses" que orientaram o partido para a ditadura do proletariado. Sustentou árduas disputas na direção partidária acerca da revolução que se aproximava. Juntamente com Trotsky, foi um dos principais dirigentes da insurreição de outubro de 1917.

Lutou contra as primeiras manifestações de burocratização no partido e no Estado operário. Foi o primeiro a assinalar o perigo da ditadura de Stalin sobre o partido ("Testamento"). Aplicou o marxismo à época do imperialismo.

Síntese biográfica extraída do Dicionário Político Histórico e Cultural, de Guilherme Lora

A vigência do leninismo

Há 73 anos da morte de Lenin e numa situação em que a burocracia proveniente do estalinismo restaura o capitalismo na ex-União Soviética, muitos que se diziam marxistas, agora, afirmam que o leninismo perdeu toda a validade. O governo pró-imperialista de Yeltsin acaba de se utilizar dos arquivos com o intento de mostrar que Lenin foi um totalitário e que a obra reacionária de Josef Stalin nada mais é do que continuidade da obra de Lenin. Certamente, não é nova a tentativa de identificar Stalin com Lenin. Mas como toda farsa, as acusações contra Lenin e a tentativa de transformá-lo num Stalin é caricaturesca e sem menor sentido.

Lenin, em sua vasta obra, desenvolveu exaustivamente a teoria da revolução proletária, sem se afastar um só milímetro das premissas do socialismo científico, estabelecidas por Marx e Engels. E teve a virtude histórica de ser o maior arquiteto da construção do partido revolucionário, o Partido Bolchevique. Dentre as premissas do marxismo, destacou-se por dar um salto nas formulações da concepção estratégica da ditadura do proletariado e do internacionalismo revolucionário. Esses dois princípios guiam todo o pensamento leninista e todos os passos práticos dados pelo partido bolchevique.

As rigorosas análises econômicas sobre o desenvolvimento capitalista na Rússia, as relações de classe e as tendências do proletariado para a revolução estão assentadas nesses dois princípios-chaves. Manejando a teoria científica e o método do materialismo histórico, Lenin impôs uma derrota ideológica à burguesia russa e internacional, como mostram os extraordinários documentos dos IV Primeiros Congressos da Internacional Comunista. Só assim os comunistas russos puderam destruir o Estado burguês e substituí-lo pelo Estado proletário, forma política transitória de domínio de classe do proletariado contra a reação capitalista.

Se é algo que Lenin se empenhou para deixar totalmente claro, é a função da ditadura do proletariado e do internacionalismo. Nunca escondeu ou vacilou quanto à compreensão de que o proletariado só poderia chegar ao poder e mantê-lo se destruísse a ditadura de classe da burguesia e estalecesse sua própria ditadura de classe. Enquanto a primeira é a ditadura da minoria contra a maioria para sustentar o regime de exploração do trabalho e de miséria das massas, a ditadura do proletariado é o poder da maioria explorada contra a minoria exploradora. A violência estatal da ditadura do proletariado só tem sentido porque as classes continuam existir na fase de transição e a burguesia continua organizar a contra-revolução.

A revolução proletária em qualquer que seja o país não pode se enclausurar nas fronteiras nacionais. O comunismo é uma forma de produção e distribuição superior ao capitalismo e, por isso mesmo, tem de ser implantado em escala internacional. A Rússia atrasada não teria como sustentar a revolução proletária, por muito tempo, se a revolução não ocorresse em outros países e se expandisse internacionalmente. É abundante a quantidade de escritos de Lenin sobre o internacionalismo como condição de avanço do sistema socialista recém-conquistado na União Soviética. A Internacional Comunista de sua época esteve totalmente voltada para a revolução mundial.

O estalinismo é a negação completa dessas duas premissas fundamentais do marxismo-leninismo. Transformou a ditadura do proletariado em uma ditadura burocrática e o internacionalismo em uma concepção nacional-socialista na acepção do "socialismo em um só país" e de coexistência pacífica com o imperialismo. A burguesia, seus ideólogos orgânicos e ex-estalinistas procuram confundir o leninismo com o estalinismo para responsabilizar Lenin pela restauração capitalista. Porém, somente os estúpidos e ignorantes podem confiar minimamente nessa farsa.

A vigência do leninismo é demonstrada pela própria crise do capitalismo e pelos bárbaros resultados da restauração burguesa na ex-União Soviética e em outras partes. O pensamento de Lenin é o que há de mais avançado no pensamento humano. Ou seja, é a elevação do socialismo científico de Marx e Engels no cume mais alto alcançado. Qualquer militante minimamente consciente sabe quem tem o dever de estudar a fundo a teoria da revolução socialista na obra de Lenin e seguir o exemplo mais rigoroso que se conhece da unidade entre a teoria e a prática.

Internacional



Ante o VIII Congresso do Partido "Obrero"...

Carta aberta a sua militância

(extraído do Masas argentino nº 111)

Parece-nos importante falar sobre esse evento, com a declarada intenção de aprofundar sobre os problemas já existentes em vossa organização. A resolução mais progressiva de vossa crise interna (que é das piores, porque aparece encoberta pela mentira, impostura e múltiplos mecanismos de negação), é a fratura do Partido "Obrero", de modo que as melhores camadas, que representem reservas revolucionárias, empreendam a tarefa impostergável de construir o partido-programa da classe operária.

Vamo-nos limitar a assinalar algumas observações à vossa política atual, demonstrando que se trata tão somente de sintomas de um processo de degeneração de longa data.

Desde sempre, os dirigentes do P"O" mediram a caracterização da etapa política com o relógio adiantado.

De aspectos tendenciais da situação, deduziram conclusões absolutas. Sob esse método unilateral, antidialético, a crise dos "de cima" divide mais a burguesia que sua capacidade de unir-se contra as massas. A mobilização dos "de baixo" é inflada a uma escala que se aproxima do delírio (Tal como, "começou a revolução", "Caiu Cavallo", "a esquerda ganhou na Capital Federal" etc.)

Em uma recente resolução do Comitê Central (26/10/96), depois de repetir até o cansaço clichês sobre a "crise do regime" e o "ascenso de massas" se diz: "Mais precisamente, a queda ou não de Menem depende de um novo golpe da crise econômica ou de um novo salto na intervenção das massas". Mas, todo o texto desse boletim interno, assim como os últimos Prensa Obrera (jornal de PO, N.T.), prognosticam tal crise econômica e tal salto na intervenção das massas! Por isso vossa consigna central é *Fora Menem!*

Mas não é só isso: no mesmo boletim interno se diz: "O Congresso de Bases nacional e em cada província é o terreno de organização para as massas e nossa consigna de poder..."

Quando os explorados não conseguem sequer multiplicar as assembléias de base para impor-se à burocracia a continuidade do plano de luta, o P"O" postula um Congresso de Bases apontado como "...terreno de reagrupamento da classe operária para impor seu próprio governo" (Boletim interno já citado).

Esse exitismo febril impede chamar as coisas pelo seu nome. Pelo contrário, leva inevitavelmente à mentira disfarçada com meias verdades (a pior das mentiras). Um exemplo notável é a análise do conflito de CORMEC (Córdoba), diante do qual o mesmíssimo Altamira avaliou como "uma vitória" (com perigos, claro), a conciliação obrigatória, recurso com o qual foi desalojada a ocupação de fábrica, para depois impor ao proletariado uma nova derrota, que sofre atualmente, e que as notas posteriores de Prensa Obrera não tiveram outro remédio a não ser ir reconhecendo a contra-gosto.

Agora esse exitismo é tão somente um erro infantil? Ainda que o pareça, pelo absurdo e tonto, não é assim. Os velhos zorros que dirigem o P"O", que vivem das rendas financiadas pelas cotizações e os votinhos desde 25 anos atrás, sabem que o melhor recurso para captar rapidamente mão de obra pouco esperta, entusiasma-la, seduzi-la e segurá-la um tempo, renovando-a a cada tempo, diante da inevitável quebra com o choque da realidade, que requer para transformá-la o conhecimento científico de suas leis (o marxismo), em cuja ideologia *não se forma* sua militância.

Por isso, o exitismo nas caracterizações políticas deve ir acompanhado de estímulo organizativo (Congresso da UJS, campanha de assinaturas etc.)

Todo esse barulho despolitizado requer um terceiro ingrediente, principalíssimo: *não ter programa, não basear a tática em uma estratégia, que para os marxistas-leninistas-trotskistas é a revolução e ditadura proletárias.*

A falta de programa facilita o jogo de cintura política do

centrismo, permite mil e uma manobras oportunistas de ocasião, já que não existe a referência estratégica. Nisso Altamira é um tardio aprendiz de Nahuel Moreno.

Uma evidência disso é a linha de "pressão" sobre a burocracia. Na recente carta ao Congresso da CTA, pode-se ler: "O passo mais importante para superar a CGT, ou seja, tirar sua burocracia e converter os sindicatos em organizações independentes de luta é pressionar por todos os meios a CGT para continuar a luta empreendida com a paralisação imediata de 48 horas. A mobilização de massas dos trabalhadores de todos os sindicatos e centrais sindicais é o primeiro passo para poder superar o "sindicalismo empresarial". (Prensa Obrera nº 517).

Ou seja, se propõe a uma fração da burocracia (CTA), sem nomeá-la como tal, um bloco para pressionar a CGT, cavalcando sobre o "movimento".

Junta-se assim o existismo (as massas estariam ávidas para concretizar a paralisação de 48 horas), com o movimentismo, cuja essência é a indiferenciação ideológica e programática em termos de classe. A superação da burocracia requer, desde o ponto de vista marxista, algo mais que "lutas, mobilizações e paralisações". Requer a derrota ideológica e política da burguesia (a burocracia inteira é sua correia de transmissão no interior das organizações operárias). E isso requer intervir nas lutas com uma política de classe, mas também e fundamentalmente, um paciente trabalho programático preparatório de reagrupamento da vanguarda. Obviamente, para esse trabalho, P"O" não tem interesse, nem capacidade, nem tempo.

É esse oportunismo urgentista, tipicamente pequeno burguês, que leva P"O" a transpor o limite da moral revolucionária, para manter relações, e inclusive tolerar dentro de sua organização, elementos delatores do trabalho revolucionário. É o caso de Juan Pablo Bacheher na Bolívia (expulso do POR) e é o caso de Daniel Digirolamo em Rosário, que agora aparece como dirigente do P"O" organizando uma Coordenação de Desempregados, quando é público, notório e comprovado que delatou diante da justiça burguesa como "subversivos, loucos etc." a dois então militantes do P"O", atualmente do POR. Os elementos comprovatórios desses fatos podem ser consultados, já que existe uma ampla documentação a respeito.

A 10 anos do Congresso de 1986, no qual começaram a amadurecer as distintas frações que depois conformaram o POR, a decomposição do grupo político em que vocês ainda militam chegou a ser tão visível, que somente um grande atraso ideológico, uma grande covardia política, ou uma grande cumplicidade, podem negá-la.

Companheiros: a lealdade a vossa própria convicção revolucionária exige que haja luta política no VII Congresso do Partido "Obrero".

São vocês que devem travá-la.

Novembro de 1996
Comitê Executivo Nacional

Internacional



Prepara-se repressão contra o MRTA

Defendamos o Tupac Amaru das garras do governo peruano e do imperialismo americano

Os guerrilheiros do Tupac Amaru ainda mantêm mais de 70 reféns na embaixada do Japão no Peru. Já deram sinais de cansaço ao admitirem negociar a manutenção dos mais de 400 presos políticos, desde que se melhorem suas condições carcerárias. O governo peruano, que procura dar uma saída à crise, vai ganhando tempo ao fazer crer que procura um país para permitir o asilo político dos guerrilheiros. Enquanto isso, prosseguem as negociações entre os países imperialistas envolvidos (Japão e Estados Unidos), que divergem quanto à solução da crise. Os EUA querem reprimir duramente os guerrilheiros, e já enviaram ao Peru grupos treinados para prepararem as forças repressivas peruanas para executarem o assassinato. O Japão pretende uma negociação com o MRTA e uma saída a princípio pacífica. A so-

lução americana só não foi dada ainda porque a embaixada é considerada território japonês.

Enquanto isso, as correntes de esquerda em geral não se manifestam sobre a questão. Trata-se de algo grave, porque há centenas de presos políticos sob tortura e dezenas de guerrilheiros sob ameaça de morte pelos governos americano e peruano. A defesa de qualquer movimento contra a burguesia e o imperialismo é necessidade e dever dos revolucionários. Por isso, ainda que nos diferenciamos profundamente do método foquista, o POR se solidariza com os membros do MRTA e defende que o governo peruano atenda suas reivindicações.

O autêntico marxismo sempre se diferenciou e criticou o foquismo e o terror individual, que se tentam se sobrepor às massas. Isso porque entende que a luta contra a opressão política e social só pode ser consequente se travada pelas massas oprimidas. "A emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores", ou não acontecerá. A luta armada, que defendemos, é travada pelas massas insurretas, munidas de um partido-programa que encarna a experiência do proletariado mundial e nacional teorizada, e não por um grupo que se coloque acima delas e que não tem forças para destruir a ditadura de classe burguesa.

É bem freqüente entre os grupos foquistas, que desprezam a luta programática e rejeitam a tarefa de fazer as idéias revolucionárias penetrarem fundo nas massas e possibilitar sua luta geral anticapitalista, uma política que aponta para a defesa da democracia burguesa e com ela a manutenção da opressão de classe. O foquismo entende que é possível uma ação revolucionária à margem das massas, desde que seja feita por um grupo bem treinado.

Apoiamos incondicionalmente a luta dos tupamaros pela libertação dos presos políticos. Trata-se de uma reivindicação democrática de liberdade política, contra a perseguição política que move o governo capitalista ditatorial contra toda a esquerda. É tarefa de toda corrente que se reivindique do movimento operário apoiar toda luta contra a opressão política e social, independente das divergências políticas. Chamamos todas as correntes políticas que se reivindicam do movimento operário a se juntarem para reivindicar do ditador Fujimori que atenda às reivindicações do Tupac Amaru e liberte imediatamente todos os presos políticos. Defendemos a constituição de um comitê de luta em defesa da libertação dos presos políticos e de apoio ao MRTA contra a repressão do governo e imperialismo.

Internacional



Brasil: Nossa solidariedade com o trabalho que realiza o POR

Transcrevemos abaixo texto publicado no Masas nº 1545, do POR boliviano, que responde a documento de quem rompeu com o POR brasileiro.

Recebemos um documento de elementos que foram excluídos do POR/Brasil pelos equívocos que cometeram na atividade diária no seio das massas. Isso nos obriga a pontualizar nossa posição a respeito.

1) Para nós o fundamental no trabalho

partidário radica na correção do programa. Nesse aspecto nos parece correta a atividade que os camaradas do Brasil vêm realizando.

2) O centralismo democrático, fundamento da disciplina férrea dos revolucionários profissionais, deve ser zelosamente observada.

3) Que os erros que se cometem devem ser submetidos a uma severa autocrítica (revelar as causas dos equívocos, a fim de que sejam superados de maneira radical).

4) O partido bolchevique está conformado de revolucionários profissionais, que certamente se recrutam entre elementos provenientes de diversas classes sociais. No partido, os operários, os camponeses, os estudantes, os professores etc. se trans-

formam em revolucionários profissionais, que assimilam a política revolucionária do proletariado e assim se fundem no seio deste.

5) O operário aprende a pensar e assimilar o marxismo, a teoria, a ciência social.

Não idolatramos as massas como tais, e sim nossa tarefa fundamental é a de penetrar em seu seio armados do programa para transformá-las de instintivas em conscientes, políticas.

É certo que no seio do partido se reflete a luta de classes: mas há que ter em conta que já não se trata do choque entre quem tem raízes e os que vêm da classe média, por exemplo. A luta de classes se traduz em luta ideológica, podem haver operários pró-burgueses etc.